

PROJETOS PESSOAIS DE JOVENS ESTUDANTES RURAIS E A SUCESSÃO HEREDITÁRIA DA AGRICULTURA FAMILIAR NO SERTÃO SERGIPANO

Resultado de Investigação Finalizada

Grupo de Trabalho Nº 22 - Sociologia da Infância e da Juventude

Isabela Gonçalves de Menezes¹

Resumo

Recorte de uma dissertação² que investigou questões relacionadas às identidades culturais de jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas, neste artigo são discutidos alguns dos resultados obtidos, os quais dão conta de que o avanço nos estudos tem contribuído para o desencaixe das identidades culturais e no desejo e capacidade de perpetuação da herança. Os jovens pesquisados, em sua maioria, gostam do campo, mas, contraditoriamente, querem morar na cidade, atribuindo essa vontade à continuação dos estudos e à “facilidade” de se conseguir emprego no meio urbano. A maioria não quer reproduzir a condição social de agricultor familiar, embora se tenha observado uma relação entre os poucos que cogitam em ficar no campo e a criação de gado de leite.

Palavras-chave: Agricultura familiar. Juventude rural. Sucessão hereditária.

Introdução

Este artigo é um recorte de dissertação de mestrado que teve por objetivo investigar questões relacionadas às identidades culturais de jovens rurais do Alto Sertão Sergipano, na faixa etária de 14 a 29 anos, filhos de produtores familiares e de assentados da reforma agrária, estudantes do ensino médio regular em escolas urbanas.

Para a discussão, foram selecionadas cinco perguntas referentes a uma das questões norteadoras da dissertação de mestrado: “A despeito das políticas públicas de incentivo ao retorno e permanência no campo e das dificuldades de inserção no mercado de trabalho urbano, o avanço nos estudos até o ensino médio contribui para o desencaixe de suas identidades culturais e no desejo e capacidade de perpetuação da herança?”

A sucessão hereditária na agricultura familiar é um dos temas mais caros nos estudos sobre juventude rural porque é a partir da disposição dos jovens rurais de permanecerem no campo que perpassa a formação de uma nova geração de agricultores para assegurar a continuidade das unidades de produção. Algumas pesquisas articulam as mudanças no campo a uma recente evidência dos jovens rurais que, com seus projetos pessoais e profissionais, questionam os projetos familiares sustentados na reprodução de um modo de vida pautado nas atividades agrícolas. De fato, já que não são mais socializados apenas no meio rural e no contexto da agricultura familiar, mas também em outros espaços, como a escola, os jovens rurais desejam cada vez mais o acesso a um modo de vida urbano,

¹ Doutoranda e Mestre em Educação: Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: isagmenezes@gmail.com.

² Pesquisa de mestrado em educação, com defesa em fevereiro de 2012.

enquanto se observa a reconfiguração de suas identidades e de seus projetos de vida (WEISHEIMER, 2005).

Assim, pretende-se contribuir com esse debate, ao levar em consideração aspectos como a profissão dos pais dos jovens pesquisados e a escolarização para, ao articulá-los, esboçar um cenário de continuidade ou não da agricultura familiar no espaço empírico pesquisado.

Campo Empírico e População Pesquisada

O território Alto Sertão Sergipano, formado por sete municípios, está incluído no Polígono das Secas, apresenta clima quente do tipo semiárido e precipitação pluviométrica média anual da ordem de 500 a 700 mm. Uma de suas características – constituindo-se na atividade econômica preponderante e culturalmente determinante de sua identidade sertaneja – é a atividade pastoril. Essa região é a bacia leiteira sergipana, predominantemente assentada em pequenas unidades produtivas de base familiar, em uma estrutura fundiária altamente fragmentada, em que 90% das unidades são representadas por minifúndios com menos de 30 ha, produzindo pequenos volumes de leite, da ordem de 30 litros diários, constituindo-se na principal fonte de renda e forma de inserção no mercado (DIAGNÓSTICOS, 2008).

Um dos municípios desse território foi selecionado como campo empírico por ser o mais populoso, pólo econômico regional e possuir duas escolas públicas que atendem a estudantes rurais oriundos de vários municípios do Alto Sertão, com o maior número de matrículas no ensino médio da região.

Nas escolas onde a pesquisa foi realizada, no ano letivo 2010, 265 estudantes de origem rural estavam matriculados no ensino médio regular, correspondendo a 30,3% do total de alunos matriculados nesse nível de ensino. Foram aplicados 216 questionários, dos quais 21 foram retirados por não se enquadrarem nos critérios da pesquisa, resultando em uma amostra de 194 jovens rurais, sendo 132 mulheres e 62 homens.

Os participantes foram avisados a respeito do objetivo deste trabalho, com o sigilo pela adoção de nomes fictícios e, informados do termo de consentimento, autorizaram sua participação. Um questionário, composto de 43 perguntas fechadas e abertas foi o instrumento utilizado na pesquisa. Para este artigo foram selecionadas cinco perguntas e, na sequência, será apresentada a análise das respostas obtidas.

Resultados e Discussão

Reprodução na Agricultura Familiar

Para fins da análise à pergunta “Se seus pais são agricultores ou criam gado, você gostaria de continuar na profissão deles, ou seja, tomar conta da propriedade?”, os pais dos jovens pesquisados, com base nos dados coletados, foram categorizados como agricultores familiares, agricultores familiares pluriativos, assentados da reforma agrária e assentados pluriativos, evidenciando, em cada um desses estratos, quantos são produtores de leite ou não.

Levando-se em conta as categorias mencionadas, referente às 132 mulheres pesquisadas, 110 (83,3%) pais são agricultores; destes, 31% não são produtores de leite. Dos agricultores não produtores de leite, 73,5% das filhas não querem tomar conta da propriedade nem reproduzir a condição social dos pais; 17,6% não responderam a esta pergunta e 8,8% querem continuar na profissão dos pais e tomar conta da propriedade. Ainda quanto às mulheres, dos 110 pais agricultores familiares, 69% são produtores de leite e possuem gado. Destes, 61,8% filhas não querem continuar na profissão dos pais;

15,8% não responderam a esta questão e 22,4% gostariam de continuar na profissão dos pais e tomar conta da propriedade (Anexos, tabela 1).

Das filhas dos assentados, apenas uma jovem gostaria de continuar na profissão dos pais e explicou: “desde pequena ajudo o meu pai e quero continuar ajudando”. Uma jovem que respondeu “mais ou menos”, expressou: “porque pretendo ter outra profissão, mas pretendo ajudar com o que puder”. As duas jovens que responderam “não”, revelaram: “eu quero ter muito dinheiro” e “quero fazer faculdade e ter profissão melhor”.

Referente aos agricultores pluriativos, tanto os produtores de leite como os que não são produtores de leite, 100% das jovens pesquisadas responderam que não têm interesse em continuar na profissão dos pais. Todas as filhas dos assentados pluriativos, tanto aquelas cujos pais são produtores de leite, como as demais cujos pais não são produtores de leite, não querem continuar porque, segundo seus depoimentos: “não dá para sobreviver com a agricultura”; “procuro coisa melhor, por isso, estudo” e “eu não gosto de morar no assentamento (interior)”.

Quanto aos homens, dos 62 rapazes que compõem a amostra desta pesquisa, 75,8% são filhos de agricultores familiares; 19,4% são filhos de agricultores familiares pluriativos e 4,8% são filhos de assentados da reforma agrária. Dos agricultores familiares, 25,5% não são produtores de leite e, destes, 75% dos filhos não querem continuar na profissão dos pais e nem tomar conta da propriedade, 25% querem continuar, dos quais um dos pais possui gado (oito cabeças), apesar de não ser produtor de leite. Ainda com relação aos agricultores familiares, 70,2% são produtores de leite e, portanto, todos possuem gado, mas 48,5% dos filhos não querem continuar, enquanto 45,5% gostariam de continuar na profissão dos pais e tomar conta da propriedade. Entre os pais que são produtores de leite, considera-se que 45,5% é um percentual alto de jovens que gostariam de reproduzir a profissão de produtor familiar (Anexos, tabela 2).

Dos pais agricultores familiares pluriativos, 50% são produtores de leite e, destes, 33,3% dos filhos querem continuar na profissão dos pais; 50% não são produtores de leite e, destes, 83,3% dos filhos não pretendem continuar na profissão dos pais e somente um rapaz quer continuar. Contudo, deve-se ressaltar que embora o pai desse rapaz não seja produtor de leite, é um criador de pequeno porte porque possui dez cabeças de gado. Assim, entre os pais pluriativos que não são produtores de leite, o percentual de rapazes que não gostaria de reproduzir sua condição de agricultor é maior em relação àqueles pais que possuem gado. No caso dos pais que são pluriativos, 25% dos seus filhos responderam que desejam tomar conta da propriedade e continuar na profissão dos pais e, mesmo entre os produtores de leite, a adesão dos filhos foi baixa.

Em síntese, a respeito de “tomar conta da propriedade”, do total de 194 jovens da amostra desta pesquisa, 124 (63,9%) não gostariam de continuar na profissão dos pais e nem tampouco assumir a propriedade – dos quais 89 mulheres (67,4%) e 35 homens (56,5%) – e 26 jovens (13,4%) não responderam. Tendo em vista o fenômeno de “masculinização” dos campos, observou-se que o percentual de rapazes (35,5%) que gostaria de continuar na profissão dos pais agricultores familiares é maior do que o das moças (15,9%). Das 132 mulheres pesquisadas, 21 (15,9%) responderam “sim”, 89 (67,4%) responderam “não”, uma respondeu “mais ou menos” e 21 (15,9%) não responderam (Anexos, tabela 3).

Observou-se maior quantidade de respostas dos jovens – tanto das mulheres, quanto dos homens – que gostariam de tomar conta da propriedade entre os filhos de agricultores e assentados possuidores de gado. Dentre as filhas de agricultores não produtores de leite, 8,8% das mulheres querem continuar na profissão dos pais; mas, em relação aos pais produtores de leite, o percentual aumenta e 22,4% das mulheres manifestam o desejo de continuar.

Quanto à pergunta “Você gostaria de ser um(a) agricultor(a)?”, das 89 mulheres que não querem continuar na profissão dos pais e tomar conta da propriedade, uma moça respondeu “depende

da situação” e justificou “se eu arrumar um emprego melhor, não quero ser agricultora”. Outras responderam “se não tiver opção, porque eu gosto também de natureza” e “sei lá, não me considero bem agricultora, só acho que moro no campo e nem por isso sou agricultora”. Três moças (3,4%) responderam “sim” e justificaram: “porque se produz bem as lavouras pode ganhar melhor”; “produzem bem e ganham bem” e “porque também aprendo várias coisas”; no entanto, 82 (92%) não querem ser agricultoras.

Quanto às 21 mulheres que tomariam conta da propriedade dos pais, sete (33,3%) explicaram que não gostariam de ser agricultoras porque “é muito trabalho”; “trabalha demais”; “porque eu não gosto”; “porque eu gostaria de ter uma vida melhor para mim e para meus pais”; “porque é muita luta”; “porque trabalha demais e ganha pouco”; “porque agricultor sofre muito no sol quente para sobreviver” e porque “pretendo fazer faculdade”. Uma respondeu “talvez, um dia” e 13 (62%) responderam “sim”, que gostariam de ser agricultoras. As que responderam afirmativamente, alegaram: “porque eu sempre gostei de cuidar de animais e gosto de olhar as plantações”; “porque gosto de cuidar dos animais e de mexer com a terra”; “gosto de ser agricultora”; “moro no interior e trabalho com isso e quero continuar o trabalho”; “porque eu adoro ser agricultora e trabalhar na roça”; “porque nasci no campo e tenho que ficar no campo”; “porque desde pequena eu sou agricultora”; “porque tenho orgulho de ser filha dos meus pais que, mesmo sendo pobres, fazem de tudo para me ver feliz”; “porque também gosto do campo”; “porque continuaria o que meus pais fazem” e “porque eu já sou uma agricultora, crio animais”.

Quanto aos 22 homens que responderam que poderiam tomar conta da propriedade dos pais, 22,7% não gostariam de ser agricultores, pois preferem continuar os estudos para obter uma formação e outra profissão, além do que, segundo eles, “dá muito trabalho”; “é um trabalho muito pesado”; “é uma profissão onde você trabalha muito, ganha pouco e não adquire muitos conhecimentos” e “tem que ter muita terra, pouca terra não dá para criar”, dentre outras respostas semelhantes. De outro lado, 68% dos rapazes que gostariam de tomar conta da propriedade dos pais também querem ser agricultores para, de acordo com algumas das respostas obtidas: “trazer prosperidade para o sertão”; e porque “eu já estou acostumado”; “meus pais são agricultores e pretendo seguir a profissão”; “já vem de família”; “eu vivo no campo”; “eu gosto disso”; “a vida de agricultor é sofrida, mas é divertida”; “trabalhar no campo é muito bom”; “é bom fazer parte do interior”; “todos os anos adquirimos uma boa renda”; “dá para sobreviver com a renda da agricultura”; “é possível viver da agricultura com investimentos em tecnologias e sabedoria”; para “tratar bem do gado” e “quero trabalhar criando gado e também plantando milho e feijão”.

Observam-se, basicamente, quatro aspectos nas respostas dos rapazes que gostariam de ser agricultores: a reprodução da condição de agricultor familiar vinda dos antepassados, ou seja, a tradição familiar; porque gostam do trabalho no campo; porque consideram que a renda auferida é suficiente para viver dessa atividade e menções à criação de gado.

Já em relação aos jovens rurais que não gostariam de continuar na profissão de agricultor – e que configuram a maioria das respostas –, foram identificados três tipos de justificativas, tanto nas respostas dos homens, como nas das mulheres:

a) Por não gostar e não se identificar com a agricultura, demonstram que já não têm uma identidade com a cultura local, nem sequer a capacidade ou o interesse de perpetuarem a herança dos pais: “porque não curto essa profissão”; “não me identifico muito”; “porque não gosto desse tipo de coisa, não é meu tipo”; “porque não entendo nada de roça”; “porque não gosto muito de trabalhar com terras e não tenho vocação para isso” (respostas de mulheres); “eu não gosto de ser agricultor”; “porque eu não gosto de roça”; “eu não tenho conhecimento nessa área”; “não gosto do assunto” e “porque é ruim cuidar de gado” (respostas de homens).

b) A desvalorização da profissão porque se “ganha pouco”, o “trabalho é duro e não traz futuro”: “porque a vida no campo é muito difícil e, por isso, estudo”; “eu gostaria de ter uma vida melhor para mim e meus pais” (respostas de mulheres); “porque acho uma vida sofrida”; “porque esta profissão não é valorizada”; “porque é vida de quem quer morrer de trabalhar ou matar os outros que trabalham para ele”; “eu gostaria de seguir uma profissão porque acho que ser agricultor é uma profissão muito pesada”; “não tem qualificação de nada”; “porque é muito cansativo e quem é agricultor trabalha para morrer para enriquecer os outros e dar boa vida a quem mora na cidade” (respostas de homens).

c) Uma aproximação entre “não quero ser agricultor(a)” com “continuar estudando” e “ter outra profissão”; isto é, a relação da escolarização com o fato de ficar ou não no espaço rural. Neste último caso, foram selecionadas algumas respostas: “pretendo me formar”; “pretendo fazer faculdade”; “porque quero estudar mais”; “porque quero seguir outra profissão”; “porque eu gostaria de conhecer outras profissões para garantir um futuro melhor para mim”; “estudei para ter um emprego melhor”; “porque estou estudando para ter uma profissão melhor”; “porque eu estou estudando, para ter um futuro melhor e me formar para ser independente e ajudar meus pais” (respostas de mulheres); “estou estudando para entrar na UFS³ em busca de um emprego melhor”; “porque eu quero ser professor”; “porque pretendo fazer uma faculdade e exercer uma profissão urbana” e “pretendo continuar os meus estudos e me formar em uma universidade para ajudar meus pais com o meu trabalho” (respostas de homens).

Vale acrescentar que, mesmo entre a minoria de jovens rurais que poderia seguir a profissão dos pais e tomar conta da propriedade, ao serem questionados se gostariam de ser agricultores, 22,7% dos homens e 33,3% das mulheres responderam “não”. De fato, de acordo com Carneiro (1998), quando o jovem rural permanece no campo, isso necessariamente não está atrelado a um desejo de trabalhar na agricultura. Em princípio, observou-se que o jovem fica no campo por causa da falta ou da espera de uma oportunidade e também por gostar da lida e da cultura rural; a possibilidade da posse do gado, um fator de *status* social no local da pesquisa; o fato de se ter terra “suficiente” para produzir – “depende de muitos fatores climáticos e de grandes propriedades de terra” e “quero continuar, mas como proprietário e patrão de terras” (respostas de homens) – e ter poucos irmãos para a partilha da herança.

Morar no Campo ou na Cidade?

Diante da questão de que a migração no Brasil ocorreu devido à expulsão da terra pela falta de condições de sobrevivência, muito mais do que pela atração pelas cidades e o fato de ir embora não significa necessariamente que o sujeito não gosta de seu local de origem – até porque pode acontecer que este fique em uma encruzilhada entre permanecer com seus familiares ou sair em busca de um “futuro melhor” –, surgiu a ideia de pesquisar se os jovens rurais querem ir embora mas, ao mesmo tempo, se gostam ou não de viver no campo. De fato, a partir dos dados coletados, foi observada uma relação entre “gostar do campo” e “não ter vontade de morar na cidade” e, por outro lado, entre “não gostar do campo” e “ter vontade de morar na cidade”.

A maioria dos jovens rurais pesquisados (80,4%) respondeu que “gosta de morar no campo”, sem diferenças nos percentuais das respostas dos homens (80,6%) e das mulheres (80,3%) (Anexos, tabela 4). O campo é um local onde “o ar é mais puro, é silencioso e tem o canto dos pássaros”, expressou uma das moças. A maioria o vê como um lugar bucólico em que os termos aludidos são “simples”, “calmo”, “tranquilo”, “de boa convivência”, “perto da natureza”, “sem tantos carros” e “sem

³ Nota da autora: Universidade Federal de Sergipe (UFS).

a violência das cidades”. Além disso, os jovens ainda têm a ideia romantizada de que seja um ambiente “sem poluição” e, de forma pragmática, “onde o custo de vida é menor”. A identidade também mereceu o comentário de um rapaz que gosta do campo porque é onde suas “raízes estão localizadas”.

Uma das jovens declarou que o campo “é bom, é melhor do que a cidade e dá para criar gado”. Outras moças que gostam de morar no campo, observaram: “porque posso sentir o cheiro da terra e do gado quando acordo e ouvir os ensinamentos do meu pai”; “porque, quando tenho tempo, ando a cavalo”; “porque posso criar vários tipos de animais”; “porque lá produzimos alimentos para o próprio consumo”; “é tranquilo, calmo e gostoso conversar com os animais”; “eu gosto do interior: ar livre, andar a cavalo. Na cidade tem muito barulho”; “porque é mais calmo e criamos animais que nos alimentam” e “posso criar aves, animais, ter verduras naturais”. Alguns rapazes destacaram que o campo “é mais divertido e eu posso criar o que eu quero e disso fazer um futuro”; “porque lá eu faço o que quero e gosto, que é cuidar do gado”; “para criar gado” e “porque lá as pessoas têm o que fazer”.

Quase 20% dos jovens “não gostam de morar no campo” (Anexos, tabela 4) e alguns também justificaram que é porque é um lugar “muito calmo” que “não tem diversão” e, por ser “longe”, dificulta o acesso aos entretenimentos da cidade. Porém, a maioria realçou a falta de “oportunidades de emprego”, bem como as dificuldades enfrentadas para ir à escola.

Todos os jovens rurais que “não gostam de morar no campo” confirmaram, sem exceção, a vontade de morar na cidade (Anexos, tabela 5), em especial para “estudar”, para “trabalhar”, pela “movimentação”, porque teriam mais “liberdade para sair com os amigos” e mais “oportunidades de lazer”. Eles acreditam que na cidade “as coisas são mais fáceis”, onde teriam “mais descanso” e melhor “qualidade de vida” ou, simplesmente, porque gostam da cidade, a qual consideram melhor, mais desenvolvida e com mais “recursos tecnológicos”. No primeiro caso, algumas mulheres observaram que a cidade “é melhor e tem mais formas de estudar”; “é melhor de aprender, fica tudo mais fácil, principalmente para os estudos”; “porque tem um estudo melhor e coisas novas” e “seria até melhor para eu estudar”. Quanto ao fator trabalho, na cidade teriam oportunidade de crescimento na vida profissional e “onde arrumar um emprego, enquanto no campo só tem trabalho na roça”, de acordo com a afirmativa de uma moça e, no mesmo sentido, um dos rapazes salientou: “eu acho que na cidade tem mais empregos e o salário é bom”.

Dos 156 jovens que “gostam de morar no campo” (Anexos, tabela 4), a maioria (54,5%) também demonstrou vontade de morar na cidade, tanto as mulheres (59,4%) como os homens (44%) (Anexos, tabela 6). Note-se, porém, que 44,2% não manifestaram desejo de ir para a cidade – sendo 56% dos homens e 38,7% das mulheres – e isso parece estar relacionado ao fato de gostarem do campo. Contudo, estes jovens vivem uma contradição quando forçados a migrar, muitas vezes em virtude da falta de condições de trabalho e de renda no local onde vivem.

Os principais motivos expostos pelos jovens que gostam do campo e, mesmo assim, têm vontade de morar na cidade, também estão relacionados ao “lazer”, à “educação” e ao “trabalho”, com respostas do tipo: “porque eu penso que para quem estuda e quer conseguir alguma coisa, morando na cidade facilita mais”; “pretendo fazer faculdade”; “porque, quando entrar em uma universidade, serei obrigado a morar em uma cidade” (respostas de homens); “porque tem mais diversões com os amigos”; “porque penso em ter um bom trabalho, comunicar e interagir mais com os outros”; “porque na cidade podemos arrumar um emprego melhor”; “porque temos muito mais facilidades em fazer compras etc.”; “na cidade o acesso à tecnologia é muito maior que no campo”; “para dar continuidade aos meus estudos”; “porque a metade dos meus amigos mora na cidade”; “porque pretendo estudar e trabalhar ao mesmo tempo”; “pois seria mais fácil, em vários sentidos, como fazer os trabalhos da escola” e “para arrumar um trabalho de acordo com o meu estudo e conhecimento” (respostas de mulheres).

A última resposta, em particular, tem estreita relação com o fato de o meio rural ser considerado um espaço para quem não tem “estudo e conhecimento”, já que, por cursar o ensino médio, a moça

objetiva um trabalho na cidade compatível com seu nível de escolaridade. Outros aspectos ainda podem ser ressaltados nas respostas dos jovens que justificam a preferência pela cidade: opções e facilidades de compras, entretenimento, trabalho e educação, acesso às novas tecnologias e mais contato com os amigos.

Os jovens rurais que gostam do campo e não têm vontade de morar na cidade, reafirmaram que se sentem felizes onde vivem por causa da tranquilidade em oposição à vida agitada, à poluição sonora, à violência e outros inconvenientes de se morar em cidades. Uma moça ressaltou que na cidade “tem o barulho dos automóveis e estes soltam os gases que poluem o meio ambiente”, outra observou que se fosse morar na cidade “não teria contato com a natureza”, enquanto duas afirmaram: “eu não gosto, só vou morar um dia na cidade se eu arrumar um emprego” e “não tenho vontade de sair de onde moro, mas, com certeza, vou ter que sair”. Os rapazes deram respostas semelhantes ao evocarem o “barulho das cidades”, embora um deles tenha declarado que não tem vontade de sair do campo porque tem de “cuidar da propriedade de sua mãe”. Por sua vez, outros, responderam: “porque a vida na cidade é muito turbulenta”; “a casa na cidade é muito cara”; “eu acho ruim morar na cidade” e “eu morava na cidade e agora estou morando no campo e não sinto falta da cidade”.

Planos Para o Futuro

Futuro profissional

Os 194 jovens rurais que compõem a amostra desta pesquisa deram, ao todo, 216 respostas à pergunta “Qual profissão ou carreira você gostaria de seguir?”. Foram variadas as carreiras mencionadas, desde agronomia e medicina veterinária, profissões ligadas ao mundo rural, até ator/atriz, modelo e cientista, muito mais urbanas (Anexos, tabela 7).

Ser “professor” recebeu o maior número de respostas, 16,7% no total, sendo 20% das respostas dos homens e 15% das respostas das mulheres. Medicina ocupou o segundo lugar, com 11,6% das respostas; porém, o percentual de respostas das mulheres (15,8%) foi cinco vezes maior do que o dos homens (2,9%). Medicina veterinária foi mencionada em 10% das respostas dos homens e 6,2% das respostas das mulheres ou 7,4% do total de respostas, enquanto agronomia só foi citada duas vezes (0,9%), respectivamente, por um homem e por uma mulher.

Dois rapazes responderam que gostariam de ser “fazendeiros” o que, na realidade, não configura uma profissão ou carreira, mas suas respostas foram admitidas em atenção a suas escolhas, pois estes jovens estão entre aqueles que desejam tomar conta da propriedade e continuar na profissão dos pais como agricultores familiares, já que gostam do que eles fazem, gostam de morar no campo e não têm vontade de migrar. Inclusive, um deles expressou que é no campo onde “faz o que quer, ou seja, cuidar do gado”.

Os treze rapazes que gostariam de tomar conta da propriedade dos pais e continuar na profissão paterna, reproduzindo a condição social de agricultor familiar, pretendem seguir as carreiras de agronomia, medicina veterinária, contabilidade, direito, engenharia, jornalismo, motorista, policial, professor de história ou de geografia e vocalista de uma banda. Dos sete rapazes que gostariam de cursar medicina veterinária, seis estão entre os que também desejam ser agricultores familiares e assumir a propriedade dos pais e, em relação às mulheres, das jovens que querem ser agricultoras, cinco tencionam ser médicas veterinárias. Além disso, entre os jovens que querem continuar no meio rural, encontram-se a moça e o rapaz que pretendem seguir a carreira de agronomia. Contudo, as profissões sonhadas são, sobretudo, urbanas, salvo medicina veterinária, agronomia e engenharia ambiental que têm relação com o campo, especialmente no espaço empírico desta pesquisa, um meio rural ainda essencialmente agrícola, voltado em grande parte para a produção de milho e de leite.

Planos após a conclusão do ensino médio

Perguntou-se aos sujeitos desta pesquisa quais são os planos para depois da conclusão do ensino médio regular e, embora ciente de que as respostas não estejam atreladas à realização dos objetivos mencionados, servem como uma indicação do que querem ser ou pretendem fazer. Ainda que uma pequena parcela dos jovens esteja indecisa, a maioria das respostas (65,3%) tem a ver com planos de cursar faculdade ou universidade, tanto os homens (65,2% das respostas), como as mulheres (65,3% das respostas). Porém, se também forem somadas respostas referentes a “fazer” e “passar” no vestibular (9,7% das respostas), o percentual das respostas dos jovens que pretendem cursar o nível superior chega a 75%⁴ (Anexos, tabela 8).

As justificativas para o ingresso no ensino superior estão relacionadas à realização de “sonhos” e “desejos” que os jovens rurais – e seus pais também – têm de uma “formatura” para, no “futuro”, por meio de um emprego, terem “independência financeira”. “Ser alguém na vida” e “ajudar aos familiares” foram as respostas recorrentes, o que para os jovens só será possível se tiverem uma “formação”. Nessa perspectiva, uma moça afirmou: “um dia quero ter meu emprego e ser independente”. As justificativas aos planos de cursar o nível superior estão sempre relacionadas à obtenção de um “emprego no futuro”, reiterando a observação de Charlot (2005) de que, para os jovens, o interesse pela educação está vinculado ao trabalho. De fato, quanto a esta pergunta, mesmo em relação aos que responderam “cursar uma faculdade”, a maioria das razões pressupõe ter um “emprego” e um “trabalho” como consequência da formação em nível superior pois, conforme elucidado por uma moça, “hoje a pessoa só obtém um emprego com o estudo”, enquanto um rapaz planeja fazer faculdade porque tem a ideia de que “de lá só sai com um emprego certo”.

Vale destacar que entre os 162 jovens que pretendem ingressar no nível superior, o objetivo de “aprender mais” e “adquirir conhecimentos” apareceu em segundo plano, visto que só foi lembrado por uma moça e por dois rapazes, os quais afirmaram que seus planos são “evoluir, aprender mais, ter emprego e um futuro melhor” e “adquirir conhecimentos e estar sempre atualizada”, porque “o verdadeiro inteligente é aquele que está sempre disposto a aprender”.

Com relação aos planos após a conclusão do ensino médio, nenhum dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa, espontaneamente, respondeu que pretende ser agricultor, produtor familiar ou que planeja continuar na zona rural e ajudar os pais. É certo que quando foram indagados diretamente se gostam do campo, se gostariam de ser agricultores e se querem continuar na profissão dos pais e tomar conta da propriedade, uma parcela respondeu de modo afirmativo. Mas, na pergunta específica sobre os planos para o futuro, nenhum dos jovens tocou nesse assunto, ao contrário, uma das jovens chegou a afirmar que pretende fazer o vestibular e ingressar em uma faculdade “para ter um futuro diferente” de seus parentes, enquanto outra, cujo plano é cursar medicina, expressou: “eu quero fazer diferente, ser uma pessoa importante para a sociedade, conseguir meus objetivos para melhorar de vida e ajudar meus pais”.

Em resumo, verificou-se que apenas uma pequena parte dos jovens rurais quer continuar na profissão dos pais e tomar conta da propriedade, mas isso dependerá de outros fatores, isto é, se não obtiverem aprovação no vestibular ou se não conseguirem um emprego “melhor” na cidade, objetivo ou “sonho” da maioria dos sujeitos pesquisados.

⁴ Como os 194 jovens rurais que compõem a amostra desta pesquisa deram 216 respostas à pergunta sobre os planos após a conclusão do ensino médio, os percentuais apresentados referem-se ao número de respostas obtidas – seja por estrato ou no total –, e não em relação ao número de jovens pesquisados.

Outros jovens expressaram que já não têm capacidade e interesse em cuidar da terra, embora 74% dos rapazes e 29,5% das moças tenham respondido que trabalham na roça e ajudam a cuidar dos animais; portanto, presume-se que eles detêm os saberes da lida diária no campo e que teriam condições de, mais adiante, cuidar da propriedade dos pais.

O fato de que a pretensão de continuar no campo tem a ver com a posse do gado é algo a ser levado em consideração, pois, na região desta pesquisa, possuir vacas de leite, mesmo que em pequenos rebanhos, parece posicionar os produtores em relação aos que trabalham exclusivamente no plantio da lavoura ou possuem animais de pequeno porte, como galinhas, cabras e porcos.

Mas, é a escolarização e, em particular, o acesso ao ensino médio regular, o fator que fundamentalmente faz com que o jovem rural pesquisado se sinta apto para ir embora do campo e tentar algo considerado “melhor”, como um emprego, um concurso público e a continuação dos estudos em nível superior. É importante registrar que, caso não consigam aprovação no vestibular na primeira tentativa, alguns jovens rurais revelaram que pretendem continuar em cursos pré-vestibulares até que o objetivo de ingressar no nível superior seja alcançado.

Por fim, fica ecoando o referido testemunho de uma moça que faz parte dos 80% que gostam do campo e dos que não pretendem morar na cidade: “não tenho vontade de sair de onde moro, mas, com certeza, vou ter que sair”.

Conclusões

Os resultados da pesquisa dão conta de que a despeito das políticas públicas de incentivo ao retorno e permanência no campo e das dificuldades de inserção no mercado de trabalho urbano, o avanço nos estudos até o ensino médio tem contribuído no desejo e capacidade de perpetuação da herança dos jovens rurais pesquisados, pois a maioria afirmou ter mudado a partir da ida para estudar na cidade. Com relação aos planos para o futuro, pretendem cursar o nível superior e encontrar um “bom emprego”, em princípio, na cidade. Os jovens rurais pesquisados, em sua maioria, gostam do campo, mas nenhum, de forma voluntária, aventou a possibilidade de continuar trabalhando em atividades agrícolas. A maioria quer morar na cidade, atribuindo essa vontade, sobretudo, aos estudos e à “facilidade” de se conseguir emprego no meio urbano. Dessa forma, há uma relação entre escolarização e migração, na medida em que os jovens rurais demonstram interesse em continuar os estudos, em cursar o nível superior e, posteriormente, passar em algum concurso público ou fazer vestibular, com destaque para carreiras mais urbanas. Portanto, a maior parte dos jovens pesquisados não quer reproduzir a condição social de agricultor familiar, embora haja uma relação entre os poucos que cogitaram em ficar no campo e a criação de bovinos. De fato, dentre os que pretendem tomar conta da propriedade dos pais, a maioria constitui-se de filhos e filhas de donos de gado de leite.

Referências

- Carneiro, M. J. (1998). O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: Silva, F. C. T., Santos, R. & Costa, L. F. C. (Orgs.). *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Editora Campus, p. 95-117.
- Charlot, B. (2005). *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: ARTMED.
- Diagnósticos das cadeias produtivas do leite e derivados (bovino e caprino) e frutas irrigadas (acerola, goiaba e quiabo) no Alto Sertão Sergipano*. Estudo de Viabilidade Técnica de Apoio ao

Programa de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido Sergipano. (2008). Aracaju: Iber-Geo International SL; Governo de Sergipe, 107 p.

Menezes, I. G. (2012). *Jovens rurais no sertão sergipano: escolarização e identidades culturais*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão (SE).

Weisheimer, N. (2005). *Juventudes rurais: mapa de estudos recentes*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Anexos

Tabela 1 – Respostas das jovens rurais (mulheres), estudantes do ensino médio regular em escolas públicas do Alto Sertão Sergipano, à pergunta “Se seus pais são agricultores ou criam gado, você gostaria de continuar na profissão deles, ou seja, tomar conta da propriedade?”, 2010/2011

Profissões dos pais	Produtores de leite			Querem continuar...?		
	Resposta	Frequência	%	Resposta	Frequência	%
Agricultores	Sim	76	69,1	Sim	17	22,4
				Não	47	61,8
				NR	12	15,8
	Não	34	30,9	Sim	3	8,8
				Não	25	73,5
				NR	6	17,6
Subtotal		110	100,0		110	
Agricultores pluriativos	Sim	4	50,0	Não	4	100,0
	Não	3	37,5	Não	3	100,0
	NR	1	12,5	NR	1	100,0
Subtotal		8	100,0		8	
Assentados	Sim	9	81,8	Sim	1	11,1
				Não	5	55,6
				Mais ou menos	1	11,1
	Não	2	18,2	NR	2	22,2
				Não	2	100,0
Subtotal		11	100,0		11	
Assentados pluriativos	Sim	2	66,7	Não	2	100,0
	Não	1	33,3	Não	1	100,0
Subtotal		3	100,0		3	
Total		132			132	

Fonte: MENEZES, 2012.

Legenda: NR (não respondeu).

Tabela 2 – Respostas dos jovens rurais (homens), estudantes do ensino médio regular em escolas públicas do Alto Sertão Sergipano, à pergunta “Se seus pais são agricultores ou criam gado, você gostaria de continuar na profissão deles, ou seja, tomar conta da propriedade?”, 2010/2011

Profissões dos pais	Produtores de leite			Querem continuar...?					
	Resposta	Frequência	%	Resposta	Frequência	%			
Agricultores	Sim	33	70,2	Sim	15	45,5			
		Não	12	25,5	Não	16	48,5		
					NR	2	6,1		
	Sim				3	25,0			
	NR	2	4,3	Não	9	75,0			
				Não	1	50,0			
NR				1	50,0				
Subtotal		47	100,0		47				
Agricultores pluriativos	Sim	6	50,0	Sim	2	33,3			
				Não	6	50,0	Não	2	33,3
							NR	2	33,3
	Sim	1	16,7						
	NR	6	50,0	Não	5	83,3			
				NR	5	83,3			
NR				5	83,3				
Subtotal		12	100,0		12				
Assentados	Sim	3	100,0	Sim	1	33,3			
				Não	2	66,7			
Subtotal		3	100,0		3				
Total		62	100,0		62				

Fonte: MENEZES, 2012.

Legenda: NR (não respondeu).

Tabela 3 – Consolidação das respostas dos jovens rurais pesquisados à pergunta “Se seus pais são agricultores ou criam gado, você gostaria de continuar na profissão deles, ou seja, tomar conta da propriedade?”, 2010/2011

Querem continuar	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Sim	22	35,5	21	15,9	43	22,2
Não	35	56,5	89	67,4	124	64,9
Mais ou menos			1	0,8	1	0,5
Não respondeu	5	8,0	21	15,9	26	13,4
Total	62	100,0	132	100,0	194	100,0

Fonte: MENEZES, 2012.

Tabela 4 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas públicas do Alto Sertão Sergipano, à pergunta “Você gosta de morar no campo?”, 2010/2011

Resposta	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Sim	50	80,6	106	80,3	156	80,4
Não	12	19,4	26	19,7	38	19,6
Total	62	100,0	132	100,0	194	100,0

Fonte: MENEZES, 2012.

Tabela 5 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas públicas do Alto Sertão Sergipano, que “não gostam de morar no campo”, à pergunta “Você tem vontade de morar na cidade?”, 2010/2011

Respostas	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Sim	12	100,0	26	100,0	38	100,0
Não	-	-	-	-	-	-
Total	12	100,0	26	100,0	38	100,0

Fonte: MENEZES, 2012.

Tabela 6 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas públicas do Alto Sertão Sergipano, que “gostam de morar no campo”, à pergunta “Você tem vontade de morar na cidade?”, 2010/2011

Respostas	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Sim	22	44,0	63	59,4	85	54,5
Não	28	56,0	41	38,7	69	44,2
Tanto faz			1	0,9	1	0,6
Não respondeu			1	0,9	1	0,6
Total	50	100,0	106	100,0	156	100,0

Fonte: MENEZES, 2012.

Tabela 7 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas públicas do Alto Sertão Sergipano, à pergunta “Qual profissão ou carreira você gostaria de seguir?”, 2010/2011

Profissão	Homens	%	Mulheres	%	Total	%
Administrador(a)	2	2,9	2	1,4	4	1,9
Advogado(a), direito, juiz(a), promotor	3	4,3	9	6,2	12	5,6
Agente comunitário de saúde			1	0,7	1	0,5
Agrônomo(a)	1	1,4	1	0,7	2	0,9
Analista de sistemas, ciências da computação	2	2,9			2	0,9
Animador	1	1,4			1	0,5
Arquiteto(a)	2	2,9	3	2,1	5	2,3
Artes plásticas	2	2,9			2	0,9
Ator/Atriz/Artista	1	1,4	5	3,4	6	2,8
Bancário(a)			2	1,4	2	0,9
Biólogo(a)			3	2,1	3	1,4
Cabeleireira			1	0,7	1	0,5
Cientista	1	1,4			1	0,5
Consultora de moda			1	0,7	1	0,5
Contabilidade	1	1,4			1	0,5
Dentista			2	1,4	2	0,9
Educação física			1	0,7	1	0,5
Empresário	2	2,9			2	0,9

Enfermeiro(a)	1	1,4	8	5,5	9	4,2
Engenharia ambiental	1	1,4			1	0,5
Engenheiro civil	4	5,7			4	1,9
Engenheiro(a)			1	0,7	1	0,5
Exército, militar	2	2,9			2	0,9
Fazendeiro	2	2,9			2	0,9
Fisioterapeuta			4	2,7	4	1,9
Geólogo(a)	1	1,4	1	0,7	2	0,9
Gerente de empresa	1	1,4			1	0,5
Historiador	1	1,4			1	0,5
Intérprete	1	1,4			1	0,5
Jogador(a) de futebol	2	2,9	1	0,7	3	1,4
Jornalista	3	4,3	1	0,7	4	1,9
Médico(a)	2	2,9	23	15,8	25	11,6
Médico(a) veterinário(a)	7	10,0	9	6,2	16	7,4
Modelo			3	2,1	3	1,4
Motorista	1	1,4			1	0,5
Músico, vocalista de uma banda, cantora	2	2,9	2	1,4	4	1,9
Policial	1	1,4	3	2,1	4	1,9
Professor(a)	14	20,0	22	15,1	36	16,7
Psicólogo(a)			2	1,4	2	0,9
Técnica mobilizadora			1	0,7	1	0,5
Técnico(a) de informática			1	0,7	1	0,5
Indeciso(a)	1	1,4	10	6,8	11	5,1
Não respondeu	5	7,1	23	15,8	28	13,0
Total de respostas	70	100,0	146	100,0	216	100,0

Fonte: MENEZES, 2012.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.

Tabela 8 – Respostas dos jovens rurais, estudantes do ensino médio regular em escolas públicas do Alto Sertão Sergipano, à pergunta “Quais são seus planos para quando terminar o ensino médio?”, 2010/2011

Respostas	Homens		Mulhere		Total	
	s	%	s	%	s	%
Faculdade, universidade	45	65,2	96	65,3	141	65,3
Emprego, trabalhar	8	11,6	18	12,2	26	12,0
Vestibular (fazer/passar)	3	4,3	18	12,2	21	9,7
Cursinhos, cursos, pré-vestibular	2	2,9	6	4,1	8	3,7
Carreira militar (Exército/Polícia Militar)	4	5,8			4	1,9
Casar, formar uma família, sustentar família			2	1,4	2	0,9
Concurso público			2	1,4	2	0,9
Formação/profissão	2	2,9			2	0,9
Parar no ensino médio	1	1,4			1	0,5

Indecisos, ainda não sabem	4	5,8	5	3,4	9	4,2
Total	69	100,0	147	100,0	216	100,0

Fonte: MENEZES, 2012.

Obs.: alguns jovens pesquisados deram mais de uma resposta.